

## RIO 2016: UMA COMPARAÇÃO DA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA ENTRE ATLETAS E PARATLETAS

Carolina Leite Martins<sup>1</sup>  
Juliana Leite Martins<sup>2</sup>  
Fabiano de Oliveira Pinheiro<sup>3</sup>  
Jéssica da Silva Lopes<sup>4</sup>

### Resumo

No ano de 2016, o Brasil experimentou um feito inédito para a nação: ser a sede das Olimpíadas e Paralimpíadas. Com isso, o esporte esteve em evidência, bem como os esportistas que participaram do evento. O presente artigo tem por objetivo discutir a representação na mídia dos atletas e paratletas nos jogos do Rio de 2016, realizando uma comparação entre a visibilidade de cada um, tendo como pressuposto que havia certa diferenciação na exposição de cada modalidade. Para que fosse possível a realização deste trabalho, a pesquisa foi realizada segundo a abordagem indutiva, sendo caracterizada como um estudo descritivo e exploratório, contando para seu desenvolvimento com investigação bibliográfica e documental. Para delimitação do levantamento, utilizou-se como base a TV aberta brasileira, além de pesquisa no portal esportivo do maior grupo de comunicação do país, a Rede Globo. Como resultado, foi possível levantar que, apesar do desempenho dos paratletas terem trazido mais medalhas ao Brasil e uma melhor colocação geral, há muito mais divulgação e transmissão das Olimpíadas do que das Paralimpíadas. Ainda assim, tem-se que nos dias atuais a visibilidade dada aos paratletas teve significativa melhora quando comparada como o que ocorreu nos eventos passados, apontando que é provável que esta diferença diminuía gradualmente no futuro.

**Palavras- Chaves:** Olimpíada, Paralimpíada, mídia, esporte.

---

<sup>1</sup> MARTINS, Carolina Leite. Universidade Federal de Juiz de Fora – Programa de Pós-Graduação em Administração (CAPES), Juiz de Fora, 2017.

<sup>2</sup>MARTINS, Juliana Leite. Centro Universitário Oswaldo Aranha .Graduação em Educação Física, Juiz de Fora, 2017.

<sup>3</sup>PINHEIRO, Fabiano de Oliveira. Centro Universitário Geraldo Di Biase. Graduação em Administração, Juiz de Fora, 2017.

<sup>4</sup>LOPES, Jessica da Silva. Centro Universitário Oswaldo Aranha. Graduação em Educação Física, Juiz de Fora, 2017.

## 1 Introdução

O movimento paraolímpico tem passado por modificações estruturais durante o século XXI, principalmente no que concerne ao financiamento de atletas e equipes, além de estratégias de *marketing* visando ampliar a divulgação desta categoria. Sua inserção como produto de mercado, até então pouco vislumbrada, traz novas perspectivas, produzindo uma transformação social no que diz respeito à participação e reconhecimento de pessoas com deficiências físicas, promovendo uma ascensão social trazida pelo esporte de alto rendimento (MARQUES *et al.*, 2013)

Com a realização das Olimpíadas e Paralímpadas 2016 no Brasil, o esporte tem ganhado cada vez mais visibilidade no país. Ainda assim, o ex-chefe da delegação paralímpica brasileira de 2000 a 2008 e atual presidente da Academia Paralímpica Brasileira, Alberto Martins da Costa, afirmou em entrevista à BBC Brasil que existe um contexto de exclusão e preconceito com deficientes físicos, apesar de acreditar que o país esteja "próximo" de mudar seus paradigmas com a ajuda do esporte. A visibilidade das Paralímpadas demonstra que o esporte é um dos principais instrumentos que auxiliam na nova visão que a sociedade está construindo (BBC BRASIL, 2016).

Quando é realizada uma comparação entre Jogos Olímpicos e Paralímpicos, percebe-se que o último é visto como uma atração secundária, ou espetáculo complementar das Olimpíadas. Há uma necessidade urgente de romper o modo como atletas paralímpicos são retratados midiaticamente como vítimas ou, alternativamente, como pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo (NOVAIS e FIGUEIREDO, 2010).

Esta visão dicotômica entre o vitimismo e a superação do sofrimento, revela a necessidade de desmitificar o atleta paraolímpico perante a sociedade e a mídia. Com isso, o presente trabalho procura responder à questão central “Como os Jogos Paralímpicos foram retratados pela mídia brasileira em comparação aos Jogos Olímpicos nos eventos de 2016 no Rio de Janeiro?”

A partir da questão central, estabelece-se como objetivo geral do trabalho comparar a cobertura realizada pela mídia brasileira entre Olimpíadas e Paralímpadas nos Jogos de 2016 no Rio de Janeiro. Para tanto, designam-se como objetivos específicos deste artigo: levantar os principais meios de divulgação esportiva do país, verificar a cobertura dos jogos paralímpicos e olímpicos realizada por estes meios e, por último, comparar como são apresentados os eventos paralímpicos e olímpicos.

Para isto, o trabalho foi realizado quanto à abordagem indutiva, com caráter exploratório quanto aos fins, utilizando-se de pesquisa bibliográfica a fim de aprofundamento no tema e pesquisa documental para levantamento de dados.

A relevância do tema se dá visto que ainda existem muitos preconceitos que cercam os deficientes físicos e atletas paralímpicos, sendo importante um aprofundamento do assunto e a ruptura com esta visão. Academicamente, pode ser observado que a área ainda carece de estudos sobre a temática, além da atualidade do assunto aqui tratado.

O estudo tem como pressuposto que o retrato do atleta paralímpico na maioria das vezes passa pela imagem de vítima ou “superação do sofrimento”, enquanto o atleta olímpico é retratado como um herói da nação, havendo muito mais cobertura dos jogos olímpicos do que dos jogos paraolímpicos.

Por fim, o trabalho apresenta além da “Introdução”, uma “Revisão Teórica”, aprofundando os conhecimentos acerca do assunto, a “Metodologia”, apontando as bases científicas utilizadas, a “Análise”, que busca demonstrar como ocorreu a verificação das informações coletadas e “Considerações Finais”, trazendo os levantamentos que o estudo proporcionou.

## **2 Metodologia**

Para realização da presente trabalho, inicialmente, será necessário realizar um levantamento por meio de pesquisa bibliográfica e documental para maior aprofundamento no tema. Gil (2008, p. 50) define que pesquisa bibliográfica é aquela “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O autor aponta ainda que a pesquisa bibliográfica apresenta a vantagem particularmente importante quando existe um problema que requer dados muito dispersos, isto porque ela permite “ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2008, p.50).

Já a pesquisa documental “recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.” (FONSECA, 2002 apud GERHARDT E SILVEIRA, 2009).

O trabalho se utiliza da abordagem indutiva, que foi proposto pelos empiristas Bacon, Hobbes, Locke e Hume. Esta abordagem considera que a generalização deriva de observações

de casos da realizada concreta, de maneira que as constatações particulares levam à elaboração de generalizações (SILVA e MENEZES, 2005).

Quanto aos fins da pesquisa, pode ser apontada que esta se baseia em ser descritiva e exploratória. Para Vergara (2013), a pesquisa a descritiva expõe características de uma determinada população ou de um fenômeno, podendo, ainda, estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza, sem que tenha, no entanto, compromisso de explicar os fenômenos que descreve, enquanto a pesquisa exploratória é aquela realizada em uma área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado.

Para delimitação do estudo, a fonte de pesquisa será a TV aberta brasileira e aos canais fechados e o portal esportivo do maior grupo de comunicação brasileiro, que é a Rede Globo de acordo com Gindre (2013). Se tratando de mídia virtual, será utilizado o principal portal de notícias esportivas da Rede Globo, o Globo Esporte. Serão utilizadas comparações entre a cobertura das Olimpíadas e Paralímpadas.

### **3 Desenvolvimento**

#### **3.1 O papel da mídia**

O termo “mídia” deriva da pronúncia em inglês do termo latino media. Em latim, media é a forma plural de medium, que significa “meio”. Em termos do senso comum, se entende por “mídia” os “meios de comunicação de massa”, tomados como dimensão tecnológica, que, a partir da produção centralizada, veiculam seus produtos de modo “massificado”, sem levar em conta a individualidade de cada um dos participantes deste público. São exemplos de “mídia”, neste sentido, a televisão, o rádio, o jornal, os outdoors, entre outros (GASTALDO, 2009).

A mídia é uma importante ferramenta de comunicação. Ela exerce um papel de disseminação de informação, ao mesmo tempo que influencia na maneira como se conhece e interpreta a realidade, concepções e aspirações, hábitos, comportamentos, bem como nas orientações e princípios que inspiram as formas de relacionamento e de intervenção na vida social (CORREIA, 2004).

Para Moscivini (2003), ao publicar notícias e transmitir informações para a sociedade, a mídia acelera a mudança de crenças, ao mesmo tempo que altera a maneira de perceber o mundo do indivíduo social.

Os meios de comunicação, principalmente a informação e o jornalismo, mantêm uma íntima relação com a sociedade, sendo dela produto ao mesmo tempo que possui o poder de interferir na mesma. Desta forma, enquanto produz uma mensagem, a mídia também produz sentido (FIGUEIREDO, 2010).

A mídia também é uma produtora de bens culturais, constituindo assim uma “cultura de massa”. Desta forma, da mesma maneira que outras empresas funcionam, a mídia produz bens, vendidos como mercadorias para sua audiência. Os produtos que são veiculados na mídia se utilizam de linguagens articulando significados e representações que ressaltam certas interpretações enquanto ocultam outras. Assim são incorporadas noções ampliadas para toda a sociedade, sendo naturalizadas certas representações sociais (GASTALDO, 2009).

Para Figueiredo (2010), a mídia possui um importante papel para divulgação de informações acerca de pessoas deficientes, auxiliando na representação de grupos sociais. A autora coloca também que há um histórico de marginalização e inabilitação das pessoas com deficiência, sendo-lhes imposto o estigma da diferença. Com isso, é destacado ainda que uma das facetas que mais contribuiu para a melhoria da qualidade de vida dos deficientes e facilitou o processo de integração na sociedade e mídia foi o fenômeno esportivo. O maior expoente do esporte adaptado são os Jogos Paralímpicos, com um número cada vez maior de atletas e países participantes.

### 3.2 A representação do deficiente

Segundo Grubano (2015), foi no final da década de 1950 que começou a haver uma preocupação por parte da educação física com as atividades voltadas para pessoas com deficiência física. No ano de 1975 o país deu início à sua participação em Paralimpíadas, havendo um grande crescimento desde então de associação que compõem o Comitê Paralímpico Brasileiro, incentivando assim a prática esportiva para pessoas com deficiência e promovendo a organização do desporto em níveis de competições regionais, nacionais e internacionais.

O esporte adaptado começou a acontecer de forma competitiva após a Segunda Guerra Mundial para atender aos ex-combatentes que perderam membros ou a audição, sendo realizada uma competição em 1948 com 16 atletas, todos veteranos de guerra. Apesar disso, a primeira Paralimpíada oficial ocorreu em 1960, nos Jogos de Roma, contando com 400 atletas de 23 países (BRASIL, 2016).

Durante os Jogos Olímpicos, é possível perceber que sua divulgação ocorre à exaustão, enquanto os Jogos Paralímpicos ficam relegados a uma ínfima cobertura jornalística. Aqueles que possuem uma imagem positiva divulgada pela mídia são tidos como símbolos de superação e à sociedade se atribui o papel de reconhecer e aplaudir o sucesso daqueles que teriam vencidos as próprias limitações. Sendo o bom desempenho dos atletas visto como uma compensação da deficiência (FIGUEIREDO, 2014).

Como pode-se observar, tem havido uma série de modificações do movimento paraolímpico, principalmente no que diz respeito ao financiamento de atletas e equipes, bem como estratégias de *marketing* para ampliação da categoria. Com a inserção desta categoria no produto de mercado, até então pouco explorado, novas perspectivas foram trazidas, tendo como resultado uma transformação social com relação à participação e reconhecimento de pessoas com deficiências físicas, trazendo uma ascensão social provocada pelo esporte de alto rendimento (MARQUES *et al.*, 2013).

Pereira, Monteiro e Pereira (2011) afirmam que é a sociedade que classifica o “outro” como deficiente e esta classificação ocorre de um prisma dos não deficientes, estando vinculada a raízes preconceituosas e estereotipadas.

Para os autores Macedo e Santos (2015), embora a pessoa com deficiência esteja atuando no mercado de trabalho, ganhando espaço nas universidades, na política e no esporte, isto não significa que o preconceito foi extinto da sociedade atual. É possível perceber uma forte ausência de representatividade das pessoas com deficiência na mídia, principalmente quando se pensa o entretenimento. O jornalismo esportivo brasileiro não contempla de forma inclusiva o paratleta, refletindo uma necessidade de rever critérios da cobertura esportiva nos meios de comunicação de massa.

Quando se pensa o paraesporte em competições importantes para o país, praticamente não existe sua transmissão. É possível perceber esta realidade no rádio, televisão ou jornal impresso, de maneira que os atletas com deficiência não são pautados, enquanto, por exemplo, o futebol convencional e seus craques ocupam quase todo o espaço jornalístico destinado ao esporte (MACEDO e SANTOS, 2015).

Para Marques *et al.* (2013), pode-se identificar dois principais tipos de cobertura realizada pela mídia envolvendo o paraesporte: um está ligado ao apelo social, ao sensacionalismo e dá destaque para a necessidade de superação das adversidades da deficiência pelos atletas; e o outro tipo tem por apoio o rendimento atlético com preocupação voltada aos resultados esportivos. É possível perceber um crescimento da segunda forma, apesar deste ainda se encontrar distante do ideal.

Em entrevista à BBC Brasil (2016), sobre as Paralímpias do Rio 2016, Alberto Martins de Costa coloca que

O que você está vendo nessas competições não é a deficiência física, é a superação de si mesmo na busca da melhor performance. É a obtenção de marcas, dos melhores tempos, de quebra de recordes, da vitória sobre os adversários. Precisamos parar de bater nessa tecla da deficiência e mudar a concepção de esporte paralímpico para esporte de alta performance, de alto rendimento, seja ele praticado por pessoas com ou sem deficiência.

É perceptível que os Jogos Paralímpicos são geralmente vistos como uma atração secundária dos Jogos Olímpicos, sendo um espetáculo complementar. Há uma necessidade urgente de romper o modo como atletas paralímpicos são retratados na mídia como vítimas ou, em alternativa, como pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento esportivo. A mídia faz com que as pessoas sintam compaixão dos paratletas, uma vez que eles são “símbolos de superação”. Nesta situação é preciso compreender que tanto o olhar de piedade quanto o de admiração partem de um único princípio: o preconceito. (NOVAIS e FIGUEIREDO, 2010).

### 3.4 Análise

As Olimpíadas ocorreram entre os dias 5 de 21 de agosto, contaram com 11544 atletas de 208 países, sendo 465 atletas brasileiros, que resultaram em 19 medalhas: 7 de ouro, 6 de prata e 6 de bronze, atribuindo ao Brasil a 13ª colocação geral. No caso das Paralímpias, estas ocorreram de 07 a 18 de setembro, foram 72 medalhas: 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze, resultado do envolvimento de 279 paratletas. No total, as Paralímpias contaram com 4300 atletas de 161 países. Estas foram as primeiras Paralímpias a ocorrerem na América do Sul.

A Tabela 1 traz detalhes sobre a cobertura dos Jogos do Rio 2016 realizada pelos principais canais esportivos brasileiros.

**Tabela1 - Cobertura Olimpíadas X Paralímpias**

<b>Categoria de análise</b>	<b>Olimpíadas</b>	<b>Paralímpias</b>
<b>Transmissão da abertura na TV Brasileira</b>	<p>Canais Abertos: Globo, Record e Band.</p> <p>Canais Fechados: Fox, ESPN, Bandsports e SPORTV.</p>	<p>Canal aberto: TV BRASIL.</p> <p>Canal Fechado: SPORTV</p> <p>Observação: Foi realizada cobertura jornalística do evento por outros canais, mas não foram considerados por não haver cobertura na íntegra.</p>
<b>Resultados de busca no Portal Globo Esporte</b>	Foram encontrados 865 resultados gerais sobre a modalidade.	Foram encontrados 666 resultados gerais sobre a modalidade.
<b>Cobertura Geral do Evento</b>	Transmitiu cerca de 10 horas diárias de cobertura do evento na Globo, modificando a grade de programação da emissora. Canais dedicados a cobertura e especiais.	Não houve muitas mudanças na programação diária na TV Globo. Boletim diário sobre evento após o “Jornal da Globo”.
<b>Horas transmitidas dedicadas ao evento</b>	Mais de 4000 horas distribuídas em 16 canais (abertos, fechados e versões em HD).	Foram transmitidas cerca de 150 horas de programação em 4 canais.
<b>Comentaristas e Narradores do evento</b>	35 narradores e 110 comentaristas.	N/A Observação:

		Narração para deficientes visuais.
--	--	------------------------------------

**Fonte:** Elaborada pelos autores com base em Portal Mídia Esporte (2016).

Iniciando as análises, primeiramente, pode-se verificar na Tabela 1 que no que diz respeito à transmissão da abertura na TV brasileira, houve cobertura na íntegra da abertura das Olimpíadas por 3 canais abertos e 4 fechados. No caso das Paralímpicas, a cobertura ocorreu em apenas 1 canal aberto e 1 fechado, havendo cobertura jornalística do evento por outros canais, mas não na íntegra.

Para que a transmissão da abertura ocorresse, a Rede Globo antecipou a novela que começaria às 18h, bem como o telejornal local, dando sequência com a novela da grade, transmitindo assim o “Jornal Nacional” para o horário das 19h, com apenas 1 hora de duração. Cancelou a transmissão da novela das 21h, além do programa “Globo Repórter” para aquele dia. No caso da emissora Record, antecipou seu jornal para 19h e cancelou a exibição de duas novelas. Em comparação, as Paralímpicas apenas foram exibidas pela TV BRASIL em transmissão aberta e no SPORTV, que é um canal fechado. Porém, quanto a isso, cabe ressaltar que o Grupo Globo possuía exclusividade de transmissão deste evento, sendo permitido que apenas os canais vinculados ao Grupo transmitissem na íntegra estas aberturas.

Com relação à pesquisa sobre assunto, ao pesquisar sobre Olimpíadas no principal portal do maior grupo de comunicação do país, o Globo Esporte, foram encontrados 865 resultados gerais, contra 666 na modalidade Paralímpicas. Apesar disso, em números gerais o Brasil teve melhor resultado nas Paralímpicas, conquistando mais medalhas.

Quanto à cobertura geral do evento realizada pelos canais do Grupo Globo, foram transmitidas cerca de 10h por dia das Olimpíadas na Rede Globo. Para que isto ocorresse, foram suspensos programas diários da grade do canal, como foi o caso do “Vídeo Show”, “Malhação” e “Vale a pena ver de novo”. Além disso, outros programas foram suspensos em determinados dias e a grade da emissora teve sua programação de horários muito modificada para realizar a cobertura esportiva. Foi criado ainda na emissora o programa “Balada Olímpica”. Em comparação, a grade da emissora Rede Globo não foi modificada por conta das Paralímpicas, havendo a criação do “Boletim Paralímpico”, após o “Jornal da Globo”, no horário da madrugada.

O Grupo Globo contou com transmissão de mais de 4000 horas em 16 canais no total realizando a cobertura dos Jogos Olímpicos. Houve versões em HD, canais dedicados

totalmente ao evento, exibição de especiais do tema, além de um canal fechado que é um guia 24 horas da transmissão dos outros voltado às Olimpíadas. Além disso, houveram opções interativas, que possibilitaram 56 opções distintas de transmissão, além das opções *on demand* disponível a assinantes dos canais fechados. Enquanto isso, apenas 150 horas foram dedicadas às Paralímpias, sendo transmitida em 4 canais.

Quanto aos comentaristas e narradores envolvidos, os Jogos Olímpicos contaram com 35 narradores e 110 comentaristas. Ex-atletas consagrados participaram, como a ginasta romena Nádia Comaneci e o nadador norte americano Mark Spitz. Não foi encontrada a informação com os números sobre narradores e comentaristas dos Jogos Paralímpicos, porém para promover a inclusão, foram feitas narrações descritivas para cegos nesta ocasião.

Apesar da discrepância entre coberturas e transmissões realizadas dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, o Grupo Globo coloca que há um grande compromisso com os valores paralímpicos, além da transmissão, segundo eles, prezando pela acessibilidade, incentivando a compra de ingressos antecipados, entre outras questões levantadas. Os paratletas também não realizaram críticas, porque acreditam que já foi pior, havendo muita desinformação sobre o assunto. O comitê organizador da Rio-2016 também não apresentou críticas quanto à forma que a cobertura está sendo realizada, afirmando que houve muito apoio por parte do Grupo Globo e consideraram o programa exibido no horário noturno de grande qualidade. Desta forma, acreditam que as Paralímpias ganharão espaço aos poucos e deixarão um legado para o país.

As informações levantadas apontam que, ainda que seja considerado satisfatório ao comitê organizador e paratletas, há uma grande diferença no modo como ocorreram as transmissões do Jogos Paralímpicos em comparação aos Jogos Olímpicos. Isto não se justifica pelo desempenho dos paratletas, visto que o Brasil é uma potência no esporte.

O esporte adaptado tem ganhado espaço e é muito importante que isto ocorra, pois isso traz a inserção da pessoa deficiente, além de seu empoderamento e conquista de espaço social. A representação destes paratletas na mídia mostra que eles possuem as mesmas capacidades dos atletas, devendo ser respeitados e não tratados como vítimas ou pessoas que superaram seu sofrimento, uma vez que suas conquistas, assim como é o caso de todo atleta de alto rendimento, só vêm através de muito treino e empenho.

## 4 Conclusão

O trabalho se propôs a comparar a cobertura da mídia brasileira dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2016. Esta comparação se restringiu a analisar apenas a cobertura realizada pela TV aberta brasileira e aos canais fechados e o portal esportivo do maior grupo de comunicação brasileira, que é o Grupo Globo, uma vez que foi necessário restringir a análise para realizar a abordagem de forma satisfatória.

A mídia é um enorme canal de comunicação e transmissão de informação, além de disseminar tendências. Por isso, exerce um papel fundamental na construção da cultura de massa de uma população, sendo importante que esta esteja a favor da igualdade e respeito entre todos.

O fenômeno esportivo é um instrumento de inclusão e é um grande responsável pela inserção dos deficientes, fazendo com que estes ganhem cada vez mais espaço e ocupação social.

A partir dos levantamentos, observou-se que houve uma diferença na abordagem da mídia, havendo maior concentração e empenho para a cobertura dos Jogos Olímpicos, contando com maior número de pessoas, além de modificar a grade para realização da maior abrangência possível. O mesmo não ocorreu se tratando das Paralímpiadas, visto que não houve transmissão ao vivo na TV aberta, apenas os melhores momentos em um boletim em um horário pouco acessível. Na TV fechada também não foi grande a cobertura Paralímpica quando comparada com os Jogos Olímpicos.

Ainda assim, é possível perceber que a realização dos Jogos Paralímpicos no Brasil trouxe maior espaço ao esporte adaptado, além de divulgação de modalidades até então desconhecidas do grande público. O reconhecimento dos paratletas traz incentivo aos deficientes para prática esportiva e promove a inclusão.

## 5 Referências

BRASIL BBC, 2016. **'Esporte paralímpico ainda não mudou preconceito no Brasil', diz ex-chefe da delegação brasileira**. Disponível em: < <https://esportes.terra.com.br/jogos-olimpicos/2016/paralimpiada/esporte-paralimpico-ainda-nao-mudou-preconceito-no-brasil-diz-ex-chefe-da-delegacao-brasileira,1d427503d1fa32a8c73856a79169fb3a10exirkq.html> > Acesso em: 04 de set de 2016.

BRASIL, 2016. **Um novo caminho para os feridos da Segunda Grande Guerra**. Disponível em: < <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/paraolimpiadas/historia> > Acesso em: 05 de setembro de 2016.

FIGUEIREDO, T. H. Os Atletas Paraolímpicos na Imprensa – Análise Comparativa da Cobertura Noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996-2008. Porto, 2010

GASTALDO, E. **"O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. UFRS, Rio Grande do Sul. 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T.; Organizadores. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINDRE, G., 2013. **Ranking dos maiores grupos de comunicação do Brasil**. Disponível em:<[http://observatoriodaimprensa.com.br/interessepublico/\\_ed761\\_ranking\\_dos\\_maiores\\_grupo\\_de\\_comunicacao\\_do\\_brasil/](http://observatoriodaimprensa.com.br/interessepublico/_ed761_ranking_dos_maiores_grupo_de_comunicacao_do_brasil/)> Acesso em: 03 de set de 2016.

GRUBANO, E. C. **O esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física**. UNESCO, Santa Catarina. 2015.

MACEDO, A. L.; SANTOS, D. **O paratleta e o jornalismo esportivo :a invisibilidade impressa**. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Natal – RN, 2010.

MARQUES, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. & MENEZES, R. P. **Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro**. USP, São Paulo. 2013.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais –Investigações em psicologia social- 2000.

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H **A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal**. UNESCO, Santa Catarina. 2010 .

SILVA, E. L. & MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. UFSC, Santa Catarina. 2005.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 14 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

PORTAL MÍDIA ESPORTE. Globo explica todos os detalhes da cobertura da Olimpíada. Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2016/07/globo-explica-todos-os-detalhes-da.html>> Acesso em 03 de set 2016

FIGUEIREDO, T. H. Do coitadinho ao super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**; Rio de Janeiro, 2014. p. 48-58.

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência – Uma revisão sobre as as Representações Sociais das Pessoas com Deficiência e Atletas Paralímpicos nos

media impressos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXII, 2011, p. 199-217.

**CORREIA, J. C. Comunicação e Cidadania: os media e a fragmentação do espaço público na sociedades pluralistas.** Lisboa, Livros Horizonte, 2004, 248 p.